As formações do analista. Clínica e política de transmissão[1]

Matías Buttini
Tradução de Pedro Moacyr
Revisão de Paula Belarmino

Resumo

A formação do analista insiste como questão. Ela ressoa desde os primórdios da própria análise em relação à aposta freudiana que sustentava a transmissão de um método clínico a partir da passagem pela experiência analítica. Mas isso não excluiu a dimensão epistêmica da formação, que implicou para Freud e os pioneiros teorizar, reunir-se e, por que não, separar-se. A história da psicanálise é atravessada por essas rupturas que nos levam a questionar a política em jogo. Desde a Escola dos Fóruns, sustentamos com Lacan que a política é o laço. Isso não nos isenta do conflito, mas pelo menos constitui a dimensão de uma aposta. Por outro lado, o *klinos* grego que se perturba em nossos dias sob a forma de divãs virtuais e câmeras desligadas ou ligadas, levanta questões às nossas (des)formações de analistas, se seguirmos o caminho de Dominique Fingerman. Como se entrelaçam clínica e política? O que é um analista em formação e qual seria sua forma última, se é que existe? Como se entrelaçam as formações do inconsciente "de cada um" com a formação proposta por uma comunidade? O que diferenciaria um analista membro de uma Escola de outro orientado por uma associação profissional? Essas questões abrem caminhos, novos caminhos para a reinvenção da psicanálise e suas formações atuais.

Palavras-chave:

Transmissão; Resistência; Passador; Outra cena.

1 Uma versão deste texto foi apresentada pelo autor no Espaço Inter-colégios Clínicos da América Latina Sul, organizado pelo Colégio Clínico do Rio da Prata (EPFCL), em 29 de março de 2021. O evento foi coordenado por Luján Iuale, Silvia Migdalek e Mariano Daquino. Foi publicado em espanhol na *Revista Aún* nº 12, Foro Argentino del Campo Lacaniano, Polo Buenos Aires, em junho de 2023. O presente texto foi traduzido pelos queridos colegas do Fórum da Região Serrana (RJ) e serviu de base para um encontro nas VIII Jornadas de Inverno, em junho de 2026. Recuperado de https://www.revistaaun.forofarp.org/autores/notas-matias-buttini.html

The analysts' forms of training. Clinical practice and transmission policy

Abstract

The training of analysts remains a pressing question. It has resonated since the inception of analysis itself with regard to Freud's commitment to the transmission of a clinical method based on the passage through the analytical experience. But this has not excluded the epistemic dimension of training, which for Freud and the pioneers involved theorising, coming together and, why not, splitting apart. The history of psychoanalysis is marked by these ruptures, which lead us to question the politics at stake. At the School of the Forums, we maintain with Lacan that politics is the bond. This does not exempt us from conflict, but at least it constitutes the dimension of a commitment. On the other hand, the Greek *klinos*, which is being disrupted in our day in the form of virtual couches and cameras turned off or on, raises questions about our (de)formations as analysts, if we follow the path of Dominique Fingerman. How are clinic and politics linked? What is an analyst in training and what would be their ultimate form, if there were one? How are the formations of the unconscious 'of each one' intertwined with the formation proposed by a community? What would differentiate an analyst who is a member of a School from one who is guided by a professional association? These questions open up new paths to the reinvention of psychoanalysis and its current training programmes.

Keywords:

Transmission; Resistance; Passeur; Other scene.

Las formaciones del analista. Clínica y política de transmisión

Resumen

La formación del analista insiste como pregunta. Resuena desde los inicios del análisis mismo respecto de la apuesta freudiana que sostenía la transmisión de un método clínico a partir del pasaje por la experiencia analítica. Pero eso no ha excluido además la dimensión epistémica de la formación, que implicó para Freud y los pioneros, teorizar, reunirse y por qué no, escindirse. La historia del psicoanálisis está atravesada por esas rupturas que nos llevan a interrogar por la política en juego. Desde la Escuela de los Foros, sostenemos con Lacan, que la política es el lazo. Eso no nos deja eximidos del conflicto pero al menos constituye la dimen-

sión de una apuesta. Por otro lado, el *klinos* griego que se trastorna en nuestros días bajo la forma de divanes virtuales y cámaras apagadas o encendidas, plantean interrogantes a nuestras (de) formaciones de analistas, si seguimos la vía de Dominique Fingerman. ¿Cómo se anudan clínica y política? ¿Qué es un analista en formación y cuál sería su forma última si es que la hubiera? ¿Cómo se entrelazan las formaciones del inconsciente "de cada uno" con la formación propuesta por una comunidad? ¿Qué diferenciaría un analista miembro de una Escuela de otro orientado por una asociación profesional? Estos interrogantes abren caminos, nuevos caminos a la reinvención del psicoanálisis y sus formaciones actuales.

Palabras clave:

Transmisión; Resistencia; Pasador; Otra escena.

Les formations de l'analyste. Clinique et politique de transmission

Résumé

La formation de l'analyste reste une question centrale. Elle résonne depuis les débuts mêmes de l'analyse, en référence au pari freudien qui soutenait la transmission d'une méthode clinique à partir du passage par l'expérience analytique. Mais cela n'a pas exclu la dimension épistémique de la formation, qui impliquait pour Freud et les pionniers de théoriser, de se réunir et, pourquoi pas, de se scinder. L'histoire de la psychanalyse est traversée par ces ruptures qui nous amènent à nous interroger sur la politique en jeu. Depuis l'École des Forums, nous soutenons avec Lacan que la politique est le lien. Cela ne nous dispense pas du conflit, mais cela constitue au moins la dimension d'un pari. D'autre part, le *klinos* grec qui se bouleverse de nos jours sous la forme de divans virtuels et de caméras éteintes ou allumées, pose des questions à nos (dé)formations d'analystes, si l'on suit la voie de Dominique Fingerman. Comment la clinique et la politique s'articulent-elles ? Qu'est-ce qu'un analyste en formation et quelle serait sa forme ultime, s'il y en avait une ? Comment les formations de l'inconscient « de chacun » s'entrelacent-elles avec la formation proposée par une communauté ? Qu'est-ce qui différencierait un analyste membre d'une École d'un autre orienté par une association professionnelle ? Ces questions ouvrent des voies, de nouvelles voies vers la réinvention de la psychanalyse et de ses formations actuelles.

Mots-clés :

Transmission ; Résistance ; Passeur ; Autre scène.

O valor da Outra cena como transmissão

A história com a qual queremos introduzir a questão tem três personagens: o fotógrafo e pesquisador britânico Eadward Muybridge, um rico sócio capitalista e ex-governador da Califórnia, Leland Stanford – sim, aquele da famosa Universidade — e Sally Gardner, uma égua puro-sangue.

Em 1870, havia uma espécie de conflito/questão que persistia entre alguns fãs de turfe — corridas de cavalos — que desencadeou um debate entre duas grandes facções, divididas da seguinte forma:

> Enquanto alguns diziam que durante o galope de um cavalo havia um instante em que todas as quatro patas do animal estavam no ar simultaneamente, outros afirmavam que em todos os momentos havia uma pata tocando o chão. (Mendonça Paz, 2020, p. 50)

Essa interrogação levou Leland Stanford a contratar o mencionado fotógrafo para conduzir uma investigação e demonstrar que, em algum momento durante o galope — e ele sustentava essa opinião — as quatro patas do cavalo estavam no ar. Para tanto, Muybridge instalou-se no rancho do magnata em Palo Alto — hoje o *campus* da Universidade Stanford — e projetou e construiu um dispositivo para capturar imagens impossíveis de serem vistas pelo olho humano, que nem mesmo os pintores da época conseguiam reproduzir em seus desenhos. Era um ato que não poderia ser retratado, capturado ou demonstrado sem um dispositivo adicional.

Citamos o final dessa história:

> Após vários anos de idas e vindas e muitas experiências fracassadas, Muybridge finalmente conseguiu, em 1878, tirar uma série de fotografias que mostravam claramente todos os movimentos de uma égua puro-sangue chamada Sally Gardner (Mendonça Paz, 2020, p. 51)

É interessante como, a partir de uma questão ou conflito específico, surge Outra cena. Uma cena cuja conexão com a anterior não se estabelece facilmente. Não, se nos abstivermos da psicogênese, um termo criticado por Lacan mas amplamente utilizado nas psicologias e terapias em geral. Há uma disjunção incontornável entre a pergunta sobre as patas do cavalo, sua resolução e a invenção de um dispositivo que, por consequência, se tornar Outro: o cinema. Ou, em outras palavras, não há relação/proporção entre a intenção e a descoberta subsequente. O fato em si está comprovado, mas surge outra coisa que não era esperada. Essa é, de alguma maneira, a estrutura da análise, assim como a de diversas descobertas históricas.

Esse Outro que surge não pode ser reduzido a um mero conhecimento ou dados científicos. Partindo de um saber suposto, surge outro caminho, uma nova formação ou deformação do anterior. Em outras palavras, esse saber que se supunha, quando se faz sua demonstração, cai deixando um resto.

Essa é a estrutura da formação do analista, intermináveis em sua reinvenção de Outras cenas, que caem dali sem surgirem diretamente delas. Por isso, os obstáculos e as resistências são mais interessantes do que as comodidades e os *working through* ou *insights* (conquistas). Na formação do analista que Lacan propõe para sua Escola, privilegia-se lugar ao inconsciente ou ao intervalo onde a Outra cena pode advir.

Esse é um primeiro ponto a assinalar: precisamos de uma política que dê espaço ao inesperado, na medida em que podemos frequentar o inconsciente, mas não o habitar como um lugar para se instalar. Instalar-se no inconsciente seria dar lugar à loucura mais crua, comparável à de algumas crises psicóticas.[2]

A história do movimento das patas do cavalo é contada no livro recente do meu amigo Fito Mendonça Paz, cujo título ecoa a frase de Jean-Luc Godard: "O cinema é a fraude mais encantadora". O cinema como golpe, é igual à psicanálise e a poesia como fraude, como apontou Jacques Lacan (1976-1977/1988, p. 34): por tratar-se de *um S1 que parece prometer um S2*, não convém enfatizar a natureza criminosa da questão — no ato de enganar o outro — mas sim o apoio em um dispositivo de ficção que produz Outra cena. Ali onde algo é prometido, advém uma fraude, ou seja, outra coisa diferente da que foi prometida.

Parece que se passa uma coisa, mas é outra que passa. Daí o verdadeiro valor da resistência na transmissão. Voltaremos a isso no último ponto.

O analista como passador da psicanálise

Como documentar um ato que, embora tenha uma longa preparação e trajetória no sentido de um movimento anterior, não deixa de ser um instante, um corte, e sua estrutura a de um *impredicável.* Esse último ponto é levantado por Dominique Fingermann (2018) ao comentar a "Proposição de 9 de outubro de 1967", de Lacan. Acrescenta:

> Ato, desejo do psicanalista, desejo inédito; é uma referência desprovida de substância, mas que produz efeitos (…) não remete a nenhuma mistagogia, pedagogia ou farmacologia, mas aponta para a operação analítica como *uma operação lógica com implicações éticas*. (Fingermann, 2018, p. 34, grifo nosso)

2 *"Entre locura y debilidad mental, no tenemos sino la elección"* (Lacan, 1976-1977/1988, p. 34).

Há outra ideia presente no mesmo livro que vale a pena destacar, a da *deformação* permanente do analista com o fim de constituir-se um passador *da psicanálise* (Fingerman, 2018, p. 22). A necessidade ética de seguir "passando o passe", como diz a autora, tomando emprestada a expressão de Lacan. Novamente, estamos colocando o passe e o cartel no centro do problema da transmissão na psicanálise. E não apenas na forma de dispositivos *por si só*, mas pela sua ex-sistência, isto é, seu Real, e o que podemos situar de seus efeitos de transmissão.

Seguindo com a inspiração de Dominique T. Fingermann, retomemos outra frase famosa de Lacan: não existe formação do analista, apenas formações do inconsciente, para nos perguntarmos: Como transmite o inconsciente? Como nos chegam suas deformações?

Trata-se de uma mensagem preestabelecida, já conformada, que conforma, com forma? Recorramos ao ensinamento de Lacan, quando destacou, desde cedo, que a prática da psicanálise subverte o modelo clássico de comunicação de três partes, ou seja, um emissor que emite uma mensagem a um receptor. Nesse sentido, o inconsciente deve ser interrogado como um transmissor que não cumpre estritamente esse esquema, que requer alguém sensível que possa escutá-lo, e fazendo-se eco, possa *fazer passar* uma mensagem.

É com o interlocutor em *presença* que isso sonha, isso falha, isso ri, se tomarmos Lacan em 1966 (1966/2006, p. 102). Com o inconsciente em análise, e depois disso, esse trio (o sonho, o ato falho e o chiste), que, certamente substitui o outro da comunicação (emissor, mensagem, receptor). O que não impede a pergunta: é possível também substituir o trio obrigatório desde Freud? O da análise pessoal, da supervisão e do estudo da teoria? Certamente que não, mas nos coloca novamente a ênfase na análise pessoal, na medida em que o inconsciente pode ser lido em *intensão* na "experiência inaugural" (Lacan, 1966/2006, p. 140) que constitui a análise pessoal. É o sintoma, então, que volta a aparecer e a tomar seu lugar na transmissão do inconsciente e da psicanálise como um dispositivo em sua captura dispare e intermitente. Como transmitir com o sintoma, quando, já des-armado e deformado pela análise, ele não vá parar atrás de um vidro, como uma *relíquia* em um museu,[3] mas, sim, pode se manter como uma bússola (Freud & Breuer, 1895/1999, p. 163)?

Certa vez, imaginamos uma cadeia de elos que conduz a *todos* os analistas até Freud, como o primeiro elo. Podemos nos perguntar que tipo de enodamentos se trata se escrevermos o tripé da análise, controle, supervisão na forma de um nó

3 Quem desenvolve esse ponto crucial é o filósofo italiano Giorgio Agamben: "Museu, aqui, não designa um lugar específico ou um espaço físico, mas, sim, a dimensão diversa para a qual é transferido aquilo que antes era percebido como verdadeiro e decisivo, mas que já não o é" (Agamben, 2005/2009, p. 109). Retiramos esse trecho de Buttini, 2016, pp. 320-325.

borromeano, até podermos falar de cadeias de três anéis. Para abordar o tema da transmissão/deformação de analistas, podemos também avançar e incluir o passe, o cartel e a própria Escola como outros tipos de enodamentos que Lacan propõe.

Mas a estrutura que realmente nos interessa aqui é aquela que conhecemos como *elo perdido*. Em cada uma dessas amarrações, dessas transmissões estilísticas de todos os analistas que se colocam como *passadores deformados da psicanálise*, convém deixar algo cair, algo que não podemos saber, algo que na transferência não poderia ser dito nem recuperado. Freud chamou isso de castração, Lacan o situou como Real. Duas palavras conceituais muito elaboradas, que implicam uma transmissão e uma passagem, uma abertura no campo do saber.

Além disso, seguindo esse tipo de esquema de anéis de Freud e seu *pecado original*,[4] podemos identificar outras bifurcações que se abrem e se separam, afastam-se desse tripé clínico, político e ético que estabelecemos e se desenvolvem em outros campos que não são de nosso interesse aqui. A psicanálise *aplicada* e outras coisas… Sempre temos reservas sobre isso. Preferimos aplicar outras coisas à psicanálise por considerar a operação contrária pouco interessante e pouco entusiasmante, e geralmente causar bastante prejuízo à psicanálise e à sua transmissão. O inconsciente em ato e seu saber sem sentido *a priori*, costumam ser muito mais interessantes e contundentes quando aparecem, do que os significados simbólicos que podem ser deduzidos em uma interpretação sem transferência, eternamente selvagem e muitas vezes violenta.

As resistências como transmissão e formação do analista

Já em seu texto de 1957, "A psicanálise e seu ensino", Lacan (1957/1988) destaca outro ponto central sobre a formação do analista, o que não é desvinculado de um comentário sobre a ética, a clínica e política de formação na Sociedade francesa à qual ele pertencia na época.

Ele dirá, por um lado, que a psicanálise nos ensina algo e que o dilema reside em: como ensinar aquilo que nos ensina? Em suas palavras: "O que é isso que a psicanálise nos ensina que lhe é própria?" (Lacan, 1957/1988, p. 422). Nesse texto, Lacan já avança em linhas e tensões que reconheceremos mais tarde em suas reflexões sobre a Escola e o passe: a formação do analista deve ser ruidosa, incômoda, pois deve estar sujeita a perguntas e à autorização de si mesmo, como na "Proposição de 9 de outubro de 1967" (Lacan, 1967/2012, p. 261), e não a meras respostas técnicas, com suas regras e rituais com os quais ele consegue se safar para sair do passo ou sair de seu lugar de passador da psicanálise (Fingerman,

4 Expressão lacaniana que ele usa no *Seminário 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964) e que retomo no texto "¿Por qué transmitir? El revés de una pregunta freudiana", publicado na *Revista Sic* nº 1, Buenos Aires: IPFCL-Al sur. Letra Viva, 2014.

2018, p. 22). O analista, por definição, não está só e, embora possa ser visto como um solitário, *faz laço*, pois é seu dever ético produzi-lo e sustentá-lo para que sua produção lógica possa ter seu lugar. Ele não pode estar só, e isso se aplica à sua prática cotidiana e às suas formações, no plural, com outros.

Lacan é contundente:

> Saibam que colocar em tela essa dúvida é efetivamente o que assumo quando faço minha pergunta, e que nisso eu, analista, me distingo daqueles que consideram que a porta fechada à nossa técnica e a boca fechada sobre nosso saber são processos suficientes para remediar essa alteridade vacilante. (Lacan, 1957/1988, p. 423)

A alteridade morre se a porta permanece fechada, e a boca fechada também… abstinência ou covardia? Ato solitário ou solidão sem outro? Corte com a consciência egoica, ou autismo[5]/autoerotismo? Quando aparece a alteridade, e não a deixam falecer tão fácil nem rápido, quando é sustentada essa pulsão radicalmente dissidente, surgem as resistências.

Como podemos lembrar aos analistas, continua Lacan, "que o erro encontra sua segurança nas regras com que protegem as preocupações que ele gera"? (Lacan, 1957/1988, p. 423). Esses erros não contados, essas *mancadas*[6] que causam desconforto, permitem que o analista se esconda atrás de suas próprias regras e se proteja do horror cotidiano de seu ato. Sua segurança é confortável demais para que algo aconteça. "Autorizar-se não é autorritualizar-se", dirá Lacan em 1973 (Lacan, 1973/2012, p. 328).

É próprio da psicanálise que vá mais além do dispositivo, embora talvez não da *disponibilidade* do analista, não a antiga *análise das resistências* como o próprio Freud a chamou, mas a análise como resistência, como tratamento das resistências que emergem do já tratado pelo sujeito em seus sintomas.

Em um texto publicado recentemente na revista *Nadie Duerma* nº 10, abordamos a relação entre o tratamento da resistência e a transmissão no oriente, especialmente no Japão, com base no *bushido* e na prática do *Aikidô* (Buttini, 2021). O título dessa edição foi chamado *Quebre o silêncio*, o que me parece mais do que apropriado para delimitar a discussão sobre as formações dos analistas.

---

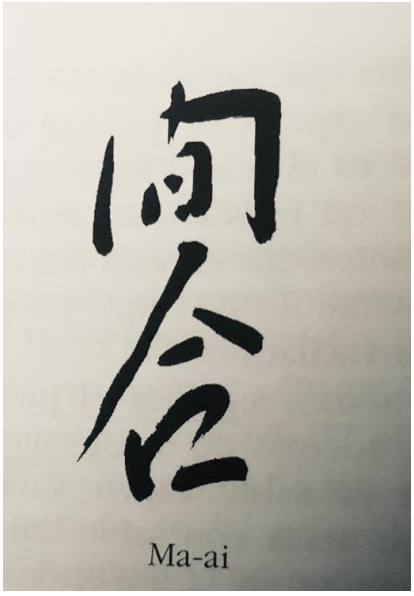
5 Não devemos esquecer que esse termo, tão prevalente hoje em dia, foi cunhado por E. Bleuler para introduzi-lo no círculo suíço-católico, em uma operação politicamente correta, removendo o *Eros* da causa freudiano-judaica. É mais ou menos assim a leitura de Paul Bercherie, e eu concordo com ela.

6 Optamos por traduzir a expressão espanhola "metidas de pata" como mancadas. O original destacava o trabalho do autor em torno do significante "patas", que se perde na tradução. (N.T.)

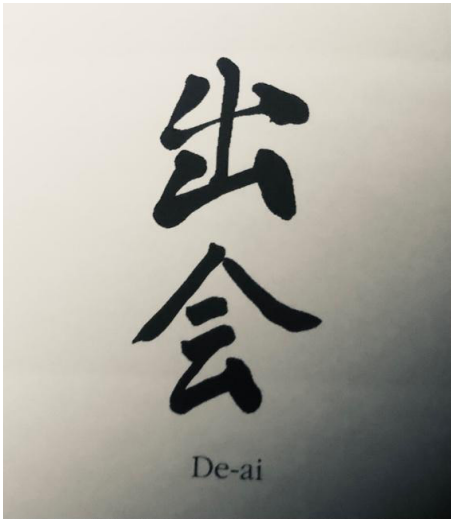
Geralmente, quebrar o silêncio permite tomar a palavra e fazer ouvir a sua voz.[7] Isso não faz nada além de evitar ou, pelo menos, revelar abusos na maioria das práticas às quais nos acostumamos sem questionar.

Nessa obra, tomamos uma epígrafe de Morihei Ueshiba que pode abrir a possibilidade de superar esse obstáculo: "O Aikido é o princípio da não resistência; como é não resistência, é vitorioso desde o início" (Saotome, 1986/2009). A não resistência não deve ser confundida com a adaptação a tudo. É, antes, o avesso; é deformar-se para permanecer atento às adaptações que os sujeitos esperam que o Outro lhes conceda com títulos mágicos de garantias que, longe de gerar tensões teóricas e questões incômodas, respondem diretamente à sua demanda por amor: te demando que me dês o que te peço, porque é isso… aquilo que creio, imagino, que acalmaria minha angústia. Resistências do analista, resistências do analisante, resistências que tombam no procedimento e no dispositivo.

Para concluir esta apresentação, vamos abordar dois pontos *kanjis* japoneses que resumem nossa posição em relação ao nó entre resistência e transmissão. Vamos esclarecer que "os *kanjis* não são palavras, mas imagens, conceitos. Diferente do nosso alfabeto, um *kanji* não se lê, se olha" (Sardegna, 2020, p. 63).



7 Título inspirado no excelente livro de nossas colegas argentinas Luján Iuale, Julia Minaudo e Agustina Saubidet: *Alzar la voz. Incidencias clínicas del incesto. La docta ignorancia* (Buenos Aires, 2020).



O primeiro, *ma-ai*, pode ser interpretado como "a distância tempo-espaço que separa duas forças e suas respectivas posições. *Ma-ai* pode ser traduzido como intervalo, espaço ou união convergente" (Saotome, 1986/2009, p. 198). O *De-ai*, por sua vez, pode ser traduzido como "o momento preciso do encontro", observa o sensei Mitsugi Saotome (1986/2009, p. 202). Ele acrescenta que "o estudo do momento preciso requer uma mistura paradoxal de intensa concentração e total disponibilidade" (Saotome, 1986/2009, p. 202).

Na elaboração ou formação do praticante nessas duas noções do combate que vêm do *Budo*, especialmente do *kendo*, a arte do sabre, importantes e influentes na formação do *aikido*, as próprias resistências entram no jogo. Esse "próprio" parece menos obstruído na arte e na psicanálise, e nem tanto na ciência, onde o desejo do pesquisador (Lacan, 1964/1987), o que ele deseja sem saber, e o que pretende com o experimento, está fora de cena, ou pelo menos deixado de lado. Portanto, é à medida que as próprias resistências vão sendo analisadas, discutidas em supervisões com colegas, estudadas, que há avanço nessa formação-prática, que se desenrola em intervalos, aberturas e fechamentos, e não se faz de uma vez e para sempre. Não há continuidade entre formação e a intenção de formação, mas uma lógica de tempos singulares. Diz Saotome:

> O controle[8] eficaz não supõe um controle precipitado. O tempo de reação deve ser proporcional ao ataque do adversário. O momento oportuno deve

8 É importante lembrar que a palavra "controle", que na citação de Saotome se refere à técnica, remete ao *"contrôle"* (em francês), traduzido usualmente para o português como supervisão. (N.T.)

> ser aguardado e, então, uma abertura deve ser criada. A precipitação destrói o processo. (Saotome, 1986/2009, p. 203)

No campo da ética, as formações do analista se pluralizam, na medida em que não tomamos a linguagem como mero instrumento ou ferramenta, na medida em que existam ao menos experiências de pensamento que tenham contribuído de alguma forma para nossa operação, ou para nossa disposição ao inconsciente. É aqui que a política das formações abre um horizonte que nos permite considerar, nelas, o inconsciente como objeto da prática do analista, na supervisão de suas posições e no estudo da teoria. Esse inconsciente, ligado ao sintoma de cada um, analisado, formam uma estrutura que possibilita o vínculo social analítico. Isso nos permite criar um ruído que pode abalar os alicerces da Escola, quando essa se torna rígida demais, e impactar sua prática, quando essa se torna demasiadamente solitária.

Nossas patas, que na Escola são quatro, como as da famosa égua Sally Gardner — análise, supervisão, estudo (cartel), e passe — também podem seguir a estrutura 3+1, em que o passe pode funcionar como mais um. O passe é, assim, um dispositivo de transmissão que causa o trabalho e, como tal, reacende as resistências na Escola.

Agora, quanto às quatro patas, estarão todas no ar ao mesmo tempo, ou se apoiarão uma ou duas de cada vez para galopar?

Referências bibliográficas

Agamben, G. (2009). *Profanaciones*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo Ed. (Trabalho original publicado em 2005)

Buttini, M. (2016). Des-enlaces del analista: ¿de eso se trata? *Hétérité : Revue de Psychanalyse : Enlaces y desenlaces según la clínica psicoanalítica*, (12), 320--325. Paris: Internationale des Forums, École de Psychanalyse des Forums du Champ Lacanien. www.champlacanien.net

Buttini, M. (2021). Transmisión y resistencia: arte del peligro. *Nadie Duerma: Revista Digital del Foro Analítico del Río de la Plata*, Buenos Aires. https://nadieduerma.com.ar/edicion-11/transmision-y-resistencia-arte-del-peligro-146.html

Fingermann, D. T. (2018). *La (de)formación del analista*. Buenos Aires: Escabel.

Freud, S., & Breuer, J. (1999) Estudios sobre la histeria. In *Obras completas* (T. 2). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Trabalho original publicado em 1895)

Lacan, J. (1987). *Seminario 11: los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis*. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1964)

Lacan, J. (1988). El psicoanálisis y su enseñanza. *Escritos 1*, Buenos Aires: Siglo XXI. (Trabalho original publicado em 1957)

Lacan, J. (1988). *El seminario, libro 24: l'insu que sait de l'une-bevue s'aile à mourre*. Aula de 11 de janeiro de 1977. (R. R. Ponte, Trad.). Buenos Aires: Escuela Freudiana de Buenos Aires (EFBA). Inédito. (Trabalho original publicado em 1976-1977)

Lacan, J. (2006). *Mi enseñanza*. Buenos Aires: Ed. Paidós. (Trabalho original publicado em 1966)

Lacan, J. (2012). Proposición del 9 de octubre de 1967 sobre el psicoanalista de la Escuela. In J. Lacan. *Otros escritos*. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1967)

Lacan, J. (2012). Nota italiana. In J. Lacan. *Otros escritos*. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1973)

Mendonça Paz, F. (2020). *El fraude más hermoso. Una mirada sobre el cine y nosotros*. Buenos Aires: Futurock.

Saotome, M. (2009). *Aikido o la armonía de la naturaleza* (7a ed.). Barcelona: Kairós, Biblioteca de la Salud. (Trabalho original publicado em 1986)

Sardegna, M. (2020). *Los años tristes de Kawabata*. Buenos Aires: Odelia.

Recebido: 27/02/2026

Aprovado: 31/07/2026